

## SIMPÓSIO 120

### A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO TRANSEXUAL NO DISCURSO MIDIÁTICO

AZEVEDO, Marcos Paulo de  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN  
marcospaulo@uern.br

**Resumo:** Este trabalho, que está ligado a nossa pesquisa de doutorado, propõe-se a investigar as relações de poder que atravessam a constituição do sujeito transexual, a partir da análise de uma postagem do Jornal Uol em sua página do Facebook. O estudo tem como fundamento os postulados teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa e adotada como metodologia o método arqueogenalógico, que prima por uma análise histórico-cultural do Discurso. A análise, ainda plenimiar, aponta o discurso midiático como um lugar de práticas discursivas em que os sujeitos transexuais materializam formas de resistência às diferentes relações de poder que objetivam seus corpos. Espera-se, ao final da pesquisa, visualizar de forma mais clara de que modo o corpo aparece na mídia como lugar de resistência aos discursos normativos que regulam os papéis de gênero em nossa sociedade, para que, assim, este estudo possa contribuir mais significativamente para as discussões sobre gênero e sexualidade na Análise do Discurso.

**Palavras-chave:** Mídia; Poder; Transexualidade.

### THE CONSTRUCTION OF THE TRANSEXUAL SUBJECT ON THE MEDIA DISCOURSE

**Abstract:** This study, that comes from our doctorate research, aims to investigate the power relations that cross the transsexual subject from the analysis of a post published by the newspaper UOL at their Facebook page. The study is based on the theoretical-methodological premises of French Discourse Analysis and the archaeologic method that defends a historical-cultural analysis of the Discourse is also adopted. The analysis, still preliminary, points to the mediatic discourse as a discursive practices place in which transsexual subjects materialize ways of resistance to the different power relations that turn their bodies into objects. It is hoped that at the end of the research, a clearer way of how the body appears in media as a place of resistance to the normative discourses that regulate the gender roles in society can be visualized. Thus, we hope this study may contribute more significantly to gender and sexuality discussions in Discourse Analysis.

**Keywords:** Media; Power; Transexuality.

## Introdução

Interessa-nos, neste artigo, investigar as relações de poder que atravessam a construção do sujeito transexual em uma postagem do Jornal Uol, em sua página do Facebook, pensando exatamente na possibilidade de enxergar na materialidade discursiva do domínio midiático a forma como os sentidos sobre a transexualidade são construídos.

De acordo com Gonçalves Júnior (2017, p. 114), “a transexualidade é a condição em que o gênero de uma pessoa (aquele percebido por ela) não corresponde com o que lhe foi designado ao nascer com base em sua genitália”. Diante de tal descrição, podemos inferir que são diversos os discursos que, ao longo do tempo, tentaram objetivar tais sujeitos, construindo sobre eles diferentes saberes. Interessa-nos perceber como a mídia, instância discursiva que veicula e ao mesmo tempo produz saberes, tem discursivizado o sujeito transexual.

Uma vez que este trabalho tem como base as contribuições de Foucault para a Análise do Discurso, especialmente no que tange à temática do sujeito, tomaremos o método arqueogenealógico como fundamento de nossa investigação. Considerar tal método implica, antes de mais nada, compreender que “todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito” (FOUCAULT, 2008, p. 28), ou seja, toda manifestação discursiva, seja ela falada ou escrita, pressupõe discursos outros já enunciados em algum momento da história. Porém, Foucault (2008) ressalta que esses discursos precedentes não seriam simplesmente outro texto escrito ou uma frase enunciada em um dado momento da história, mas um “jamais-dito”, isto é, o discurso manifesto caracteriza-se por atualizar no fio da história aquilo que se deixou de dizer sobre alguma coisa, aquilo que em algum momento foi silenciado, interdito. É por esse motivo que cada ato enunciativo, embora não seja totalmente novo, é sempre único. O que o autor propõe com a arqueogenealogia é exatamente captar, no contínuo da história, esses novos acontecimentos discursivos, os momentos em que como uma fênix o discurso renasce e inicia um novo ciclo, atualizando, nas redes de memória, o já-dito; e,

principalmente, buscar entender porque em determinado momento surge um enunciado e não outro em seu lugar. Essa é uma tarefa que empreendemos em nosso estudo.

## **1. Poder e subjetividade: a transexualidade em foco**

Foucault (2014, p. 121) propõe que a investigação sobre as relações de poder tomem como base “as formas de resistência aos diferentes tipos de poder”, isto é, “mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, trata-se de analisar as relações do poder por meio do enfrentamento das estratégias”. Para o autor, o poder não é unilateral: dá-se num enfrentamento constante de relações em que concorrem forças que tentam se sobrepor umas as outras. Assim sendo, é necessário entender de que modo e a partir de quais estratégias os sujeitos resistem e enfrentam as redes de poder que a todo tempo querem envolvê-los.

Ainda segundo Foucault (2014, p. 134) “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, e enquanto são ‘livres’ – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade em que várias condutas, várias reações e diversos modos de comportamentos podem apresentar-se”. Logo, a liberdade é entendida como um pré-requisito para que possam se estabelecer relações de poder. Se o sujeito se encontra em estado de escravidão ou similar, no qual não existe nenhuma possibilidade de lutar, ou de pelo menos revidar, discordar; estamos diante de outra forma de dominação. Não podemos confundir, pois, relações de poder com dominação, mas entendê-las como uma arena em que concorrem visões diferentes, onde a todo momento uma tenta se sobrepor a outra, instaurando, assim, a agonística do poder. Conforme Castelo Branco (2008, p. 141) “o enfrentamento agonístico pressupõe campos de lutas sempre abertos, pela razão de que são constituídos por forças em lutas estratégicas sem descanso”. Considerando tal enfrentamento, visualizamos o sujeito transexual como alguém em constante agonística contra as relações de poder que se opõem a sua identidade de

gênero, relações estas nas quais desempenha ativamente suas estratégias de resistência, constituindo-se enquanto sujeito de sua própria vontade de verdade.

Em suas análises das relações de poder e das estratégias de resistência, Foucault (2014) toma como ponto de partida oposições como o poder dos homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, da medicina sobre a população, oposições estas que segundo ele se desenvolveram mais recentemente e que fazem parte da vida cotidiana das pessoas. Com isso Foucault pretende esclarecer que o poder não se exerce apenas por um ente dominador, como por exemplo, o Estado, mas que ele pode ser percebido nas mais simples relações interpessoais do dia a dia; além disso, o objetivo dessas lutas não seria criticar uma instituição de poder, grupo ou classe específica, mas uma determinada forma de poder.

Essa forma de poder se exerce sobre a vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessário conhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Há dois sentidos para a palavra “sujeito”: sujeito submisso ao outro pelo controle e pela dependência, e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos, essa palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete. (FOUCAULT, 2014, p. 123)

A partir desse excerto entendemos que as lutas quotidianas se travam contra essas formas de poder que buscam impor verdades ao sujeito e subjugar-los, objetivá-los. Para citar um exemplo, tomemos o caso do sistema heteronormativo sobre o qual nossa sociedade está ancorada. Sob o regime desse sistema, a sociedade segue modelos binários que classificam a população em Homens/Mulheres, Heterossexuais/Homossexuais, por exemplo, modelos esses que são responsáveis pela proliferação de discursos machistas e preconceituosos que de certa forma já se consolidaram como verdade não só em nosso país, mas no mundo todo.

As consequências dessa heteronormatividade se encontram representadas na Figura 1, que compõe nosso corpus neste artigo. A página do Uol traz a imagem da lutadora Anne Viriato, transexual que venceu um homem cisgênero numa luta. Na imagem, vemos Anne usando luvas de luta e em posição típica desse esporte. A fala de Anne escrita na própria imagem diz: “Lutei o preconceito. Tinha muita gente torcendo contra e agora vi todos aplaudindo. Obrigado!”. O verbo “lutar” usado na fala representa literalmente a atitude da atleta frente às relações de poder que buscavam subjugar-lá. Ao lutar contra seu adversário, estava também lutando com o preconceito, que fez, inclusive, com que ela precisasse lutar na liga masculina, em vez da feminina, a qual corresponderia a sua identidade de gênero.

Figura 1: Postagem do UOL no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/UOL/photos/a.358573608238/10155071732943239/?type=3&theater>. Acesso em 31/05/19.

Os padrões binários da heteronormatividade de que falamos acima podem ser vistos nos comentários que acompanham a publicação. Esses comentários representam as lutas cotidianas que os transexuais enfrentam,

nas quais precisam combater os discursos preconceituosos daqueles que desejam enquadrá-las em um sexo/gênero, tendo como critério unicamente a genitália com a qual nasceu. Um dos comentários diz: “Ele é transexual mas não deixou de ser homem qual o problema de vencer outro homem qual a novidade nisso (sic)”. Podemos ver materializado aí o “não-dito” de que o que define ser homem ou mulher não é nossa percepção sobre nós mesmos, mas o sexo biológico com o qual nascemos. Diferentes instâncias de poder reverberam essa vontade de verdade, principalmente alguns ramos da medicina e a religião, fontes históricas de produção de verdades sobre a humanidade e que durante anos vêm construindo a imagem de que qualquer sujeito que fuja aos binarismos de gênero ou de sexualidade é doente ou pecador.

A determinação e a vitória de Anne representam um exemplo de atitude de resistência a esses discursos objetivadores. Apesar das dificuldades e do preconceito, ela se propõe a competir e mostrar que é capaz de vencer.

Outro comentário questiona se há preconceito contra Anne: “Preconceito onde se vc é homem, errado seria vc lutar contra uma mulher eu hein falta de oque fazer. (sic)”. Este comentário, assim como o anterior, também está paltado pela heteronormatividade. Em ambos os casos, vemos que os autores dos comentários estão atravessados pelas vontades de verdade sobre o sistema binário. A mídia jornalística, em especial aquelas veiculadas no Facebook, é um espaço contante de embates de opiniões diversas sobre a sexualidade. São nesses embates que percebemos a constante agonística em que vivem os sujeitos que buscam resistir a essas formas de objetivação, neste caso, os sujeitos transexuais. Há mais a estudar, tendo em vista que nossa pesquisa se encontra em fase inicial, mas já é perceptível que a instância midiática é uma importante arena discursiva na qual os sujeitos tanto são objetivados pelas relações de poder, quanto se subjetivam nas estratégias de resistência.

## Considerações finais

O presente artigo, como mencionamos, traz uma reflexão embrionária sobre a transexualidade no discurso midiático, tema que estamos estudando no doutorado. Aqui, especificamente, tratamos das relações de poder que objetivam esses sujeitos em um notícia veiculada pelo Jornal Uol no Facebook. A partir da imagem que abre a notícia e dos comentários na postagem pudemos perceber o enfrentamento agonístico que ocorre a partir das relações de poder que concorrem no processo de constituição do sujeito transexual.

De forma sucinta, vemos que a produção de sentidos sobre a transexualidade está relacionada à heteronormatividade, que o faz com que esses sujeitos sofram constantemente com diferentes manifestações de preconceito. Ao mesmo tempo, por meio do posicionamento de Anne, percebemos que as estratégias de resistência são igualmente eficientes nesse processo de luta. Esse esboço de análise representa uma ideia daquilo que pretendemos desenvolver de forma mais detalhada em nossa tese.

## Referências

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 118-140.

GONÇALVES JÚNIOR, S. W. P. Invisíveis. In: JESUS, D. M. [et al] (Org.). **Estudos sobre gênero: identidades, discurso e educação – Homenagem a João W. Nery**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

CASTELO BRANCO, G. Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. de (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 137-148.